

HERÓIS
DA MITOLOGIA
GREGA

HERÓIS DA MITOLOGIA GREGA

histórias para jovens leitores

CHARLES KINGSLEY

TRADUÇÃO

CAROLINA ITIMURA DE CAMARGO

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023
COPYRIGHT © CHARLES KINGSLEY (1819-1875) – DOMÍNIO PÚBLICO

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assessoria editorial **RENATA ALVES**
Tradução **CAROLINA ITIMURA DE CAMARGO**
Preparação **FERNANDA FRANÇA**
Revisão **LETÍCIA TEÓFILO E 3GB CONSULTING**
Projeto gráfico **DIMITRY UZIEL**
Imagem de capa © **LANMAS / ALAMY STOCK PHOTO**
Imagem de miolo (aberturas) © **SHUTTERSTOCK**
Imagem de miolo (textos) © **MAUD HUNT SQUIRE (1901)**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Kingsley, Charles, 1819-1875

Heróis da mitologia grega : histórias para jovens leitores / Charles Kigsley ;
tradução de Carolina Itimura de Camargo. -- São Paulo : Faro Editorial, 2023.
192 p. ; il

ISBN 978-65-5957-357-8

Título original: The Heroes, or Greek Fairy Tales for my Children

1. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil I. Título II. Camargo, Carolina Itimura de

23-1698

CDD 808.899282

Índice para catálogo sistemático:

1. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil

 **FARO**
EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO **7**

› primeira história › Perseu

PARTE UM **16**

Como Perseu e a mãe chegaram a Sérifos

PARTE DOIS **22**

Como Perseu fez uma promessa imprudente

PARTE TRÊS **34**

Como Perseu abateu a Górgona

PARTE QUATRO **46**

Como Perseu chegou aos etíopes

PARTE CINCO **60**

Como Perseu voltou para casa

› segunda história › Os argonautas

PARTE UM **66**

Como o centauro treinou os heróis no monte Pelion

PARTE DOIS **76**

Como Jasão perdeu a sandália no rio Anavros

PARTE TRÊS **88**

Como construíram o navio Argo em lolcos

PARTE QUATRO **94**

Como os argonautas navegaram até a Cólquida

PARTE CINCO **120**

Como os argonautas foram levados ao mar desconhecido

PARTE SEIS **146**

O que aconteceu com os heróis?

› terceira história › Teseu

PARTE UM **150**

Como Teseu levantou a pedra

PARTE DOIS **156**

Como Teseu abateu os devoradores de homens

PARTE TRÊS **182**

Como Teseu abateu o Minotauro

PARTE QUATRO **188**

Como Teseu foi abatido pelo orgulho



PREFÁCIO



MINHAS QUERIDAS CRIANÇAS,

Alguns de vocês já ouviram falar dos gregos antigos; e todos vocês, ao crescerem, ouvirão falar deles cada vez mais. Alguns meninos e meninas passarão bastante tempo lendo livros gregos, talvez, ao passo que outros, embora não aprendam grego, terão contato com inúmeros contos retirados da história grega, e certamente verão – todos os dias, eu diria – coisas que não existiriam não fosse pelos gregos antigos. Eles deixaram sua marca no mundo moderno em que vivemos de uma forma tão peculiar que mal se pode encontrar bons livros que não contenham nomes, palavras e provérbios gregos; não se pode caminhar pela cidade grande sem passar por prédios gregos; não se pode adentrar uma sala bem decorada sem ver estátuas e ornamentos gregos, ou mesmo padrões gregos de mobília e papel. E vocês, ao crescerem e lerem cada vez mais, descobrirão que devemos muito a eles, que foram pioneiros de toda a matemática e geometria (a ciência e o conhecimento dos números, do



formato das coisas e das forças que fazem as coisas se moverem ou ficarem paradas); precursores da geografia e astronomia; e das leis, liberdade e política (a ciência de como governamos um país e o tornamos pacífico e forte). Além disso, devemos a eles a criação da lógica (o estudo das palavras e do discurso) e da metafísica (o estudo de nossos próprios pensamentos e almas). Por fim, eles tornaram sua língua tão bela que os estrangeiros a utilizavam no lugar de seus próprios idiomas; e ao final o grego se tornou a língua comum das pessoas cultas por todo o mundo antigo, da Pérsia e Egito até o Reino Unido e Espanha. Dessa forma, em razão de ter sido escrito em grego, o Novo Testamento podia ser lido e compreendido por todas as nações do Império Romano, razão pela qual devemos mais aos gregos antigos do que a qualquer outro povo na Terra; assim como aos judeus, que nos deram a Bíblia.

Devemos nos lembrar de um detalhe: “gregos” não era o nome verdadeiro desse povo. Eles sempre se referiam a si próprios como “helenos”, mas os romanos os chamavam de gregos, de maneira equivocada, e nós adotamos dos romanos esse nome incorreto – tomaria muito tempo para explicar o porquê. Os gregos eram um povo constituído de muitas tribos, e divididos em vários Estados menores. Logo, neste livro, ao ouvirem dos minoicos, atenienses e outros nomes do tipo, é preciso se lembrar de que eram tribos e povos diferentes dentro de uma grande raça helênica, que viveu onde hoje chamamos de Grécia, nas ilhas do arquipélago, e pela costa da Ásia Menor (Jônia, como é chamada), desde o Helesponto (hoje chamado Dardanelos) até Rodes, e mais tarde tiveram colônias e cidades na Sicília e no sul da Itália (que era chamada Magna Grécia) e pelos litorais do Mar Negro, em Sinope, Kertch e Sevastópol. Após isso, mais uma vez, se espalharam sob o comando de Alexandre, o Grande, e conquistaram o Egito, a Síria, a Pérsia e todo o Leste. Mas isso foi centenas de anos após minhas histórias, vez que naquela época não havia gregos na costa



do Mar Negro, tampouco na Sicília, ou na Itália, ou em qualquer outro lugar exceto na Grécia e na Jônia. E se por acaso estiverem confusos com os nomes dos lugares presentes neste livro, deverão consultar mapas e encontrá-los. Será uma forma mais agradável de aprender geografia, comparada a um livro didático monótono.

Devo dizer que estimo profundamente esses antigos helenos, e seria muita ingratidão a eles se não os estimasse, considerando tudo o que me ensinaram. Para mim, são como irmãos, mesmo que estejam mortos e enterrados há muitos séculos. Então, como vocês têm que aprender sobre eles – quer queiram, quer não queiram –, gostaria de ser o primeiro a introduzi-los a eles, e dizer: “Cheguem mais perto, crianças, neste abençoado tempo de Natal, em que todas as criaturas de Deus devem celebrar juntas e dar graças a Ele, que salvou todas elas. Venham ver meus velhos amigos, os quais eu já conhecia muito antes de vocês nascerem. Eles vieram nos visitar no Natal, do mundo em que todos vivem por Deus, para contar alguns de seus antigos contos de fadas, que apreciavam quando eram jovens como vocês”.

As nações começam sendo crianças, embora sejam formadas por homens adultos. Primeiro são crianças como vocês – homens e mulheres com corações jovens, sinceros e afetuosos, cheios de esperança, e propensos ao aprendizado, que apreciam ver e aprender as maravilhas ao seu redor; mas também amiúde avarentos, impetuosos e tolos, tal como crianças.

Do mesmo modo, os gregos antigos eram propensos ao aprendizado, e aprenderam muito a respeito de todas as nações. Com os fenícios, aprenderam a construir navios – e alguns dizem que com eles também aprenderam as letras; com os assírios, aprenderam a pintura, a escultura e a construção com madeira e pedra; e com os egípcios, aprenderam astronomia e muitas coisas que vocês



não compreenderiam. Assim, eles foram como nossos ancestrais, os Homens do Norte¹, cujas histórias vocês apreciam muito e que, embora fossem selvagens e brutos, eram humildes e abertos ao aprendizado. Logo, Deus recompensou os gregos, assim como recompensou nossos ancestrais, e os tornou mais sábios do que as pessoas que os ensinaram. Pois Ele ama ver homens e crianças de corações abertos, dispostos a aprender, e para aquele que usa o que tem, Ele dá mais e mais a cada dia. Portanto, os gregos se tornaram mais sábios e poderosos, e escreveram poemas que viverão até o fim do mundo, os quais vocês lerão por si próprios algum dia, pelo menos em inglês, se não em grego. Aprenderam a esculpir estátuas, a construir templos que até hoje permanecem entre as maravilhas do mundo, e a fazer muitas outras coisas que Deus lhes ensinou, e que nos tornaram mais sábios hoje.

Contudo, crianças, não se deve deduzir que, por serem pagãos, Deus não amava os gregos antigos, e não lhes ensinou nada.

A Bíblia nos diz que não foi assim, e que a misericórdia de Deus recai sobre todas as Suas obras, e que Ele compreende os corações de todas as pessoas, moldando suas conquistas. E ainda, mais tarde na História, quando os gregos antigos se tornaram imorais e decadentes, São Paulo disse a esse povo que deviam ter tido mais juízo, pois eram filhos de Deus, como os próprios gregos haviam dito; e que o bom Deus os tinha colocado na situação em que se encontravam para que buscassem o Senhor, e O procurassem, e O encontrassem, embora Ele não estivesse distante de ninguém. E Clemente de Alexandria – um grande pai da Igreja, que era tão sábio quanto bondoso – disse que Deus havia enviado, do céu, a filosofia aos gregos na Terra, assim como enviou os Evangelhos aos judeus.

1. Referência aos vikings.



Isso porque Jesus Cristo, não se esqueçam, é a Luz que ilumina cada homem que vem ao mundo. E ninguém pode pensar um pensamento correto, ou sentir um sentimento correto, ou compreender a real verdade de qualquer ente na terra e no céu, sem que o bom Senhor Jesus Cristo lhes ensine por meio de Seu Espírito, que dá a percepção ao homem.

Mas os gregos, tal como São Paulo disse, se esqueceram do que Deus lhes havia ensinado, e, embora fossem filhos de Deus, adoravam ídolos de madeira e pedra, e enfim caíram no pecado e na humilhação – e por fim, é claro, na covardia e escravidão – até serem dizimados e expulsos das belas terras que Deus lhes havia concedido por tantos anos.

Como todas as nações que deixaram um legado além de meros montes de terra, no início os gregos acreditavam em um único Deus Verdadeiro que criou o céu e a terra. Mas após algum tempo, como todas as outras nações, começaram a adorar outros deuses, ou anjos e espíritos, que viviam em suas terras (ou assim imaginavam). Zeus, o pai dos deuses e homens – que era uma fraca reminiscência ao abençoado Deus verdadeiro; sua esposa, Hera; Febo Apolo, o deus do sol; Palas Atena, que ensinou aos homens a sabedoria e as artes úteis; Afrodite, a rainha da beleza; Poseidon, o rei dos mares; Hefesto, o rei do fogo, que ensinou aos homens o trabalho com metais. E ainda honravam os deuses dos rios, e as ninfas, que imaginavam viver nas cavernas, nas fontes, nos vales da floresta e em todos os lugares belos e selvagens. Honravam, também, as Erínias: terríveis irmãs que assombravam homens culpados até que seus pecados fossem expurgados (ou assim acreditavam). Muitos outros sonhos eles tinham, o que partiu o Deus Único em diversos deuses. Além disso, diziam que tais deuses faziam coisas que seriam vergonha e pecado para qualquer homem. E quando os filósofos surgiram, dizendo que Deus era apenas um, ninguém os escutou, e continuavam a adorar seus



ídolos e os banquetes imorais a eles dedicados, até que vieram à ruína. Mas não vamos mais falar de tais eventos tristes.

Na época da qual trata este pequeno livro, os gregos ainda não haviam decaído tanto. Eles veneravam seus ídolos, até onde posso afirmar, mas ainda acreditavam nos últimos seis dos dez mandamentos, e sabiam bem o que era certo e o que era errado. Acreditavam que os deuses amavam os homens e lhes ensinavam (e isso os dava coragem), e que sem os deuses a ruína sobre os homens seria certa. E nisso estavam corretos, conforme sabemos hoje – mais corretos do que pensavam –, vez que sem Deus não podemos fazer nada, e toda sabedoria vem Dele.

Porém, ao lerem este livro, não pensem que os gregos daquela época eram homens cultos, vivendo em grandes cidades, tal como se tornaram mais tarde, quando lavraram suas belas obras. Eram pessoas do campo, vivendo em fazendas e vilas muradas, levando uma vida simples e trabalhadora. De maneira que os grandes reis e heróis preparavam suas próprias refeições – e não pensavam ser vergonhoso –, construíam seus próprios navios e armas, alimentavam seus próprios cavalos. As rainhas trabalhavam com as criadas, fazendo todas as atividades domésticas; fiavam, teciam, bordavam e faziam suas próprias roupas e as de seus maridos. Assim, um homem era considerado honrado entre eles não por ser rico, mas de acordo com suas habilidades, sua força, coragem e o número de atividades que era capaz de realizar. Pois nada mais eram que crianças adultas, embora também houvesse crianças corretas e nobres; e assim era com eles tal como é hoje na escola: o menino mais forte e mais inteligente, embora seja pobre, lidera os outros.

Quando eram jovens e simples, eles apreciavam contos de fadas, assim como vocês. Todas as nações são assim quando são jovens. Nossos antigos ancestrais não eram exceção, e suas histórias eram chamadas de “sagas”. Um dia lerei para vocês algumas delas – um pouco dos “Eddas”,

um pouco de “Völuspá”, e “Beowulf”, e os antigos nobres romances. Os árabes antigos também tinham seus contos, que hoje chamamos de “As mil e uma noites”. Os antigos romanos tinham os seus, e os chamavam de *fabulae*, de onde se originou a palavra “fábula”. Mas os antigos helenos chamavam seus contos de *mythoi*, de onde vem a nossa palavra “mito”. Porém, tais romances, que foram escritos na Idade Média, não se comparam aos contos de fadas dos antigos gregos, por sua beleza, sabedoria e verdade, e por fazerem as crianças apreciarem atos nobres, e confiarem em Deus para ajudá-las em sua caminhada.

Mas por que intitulei este livro de “*Os heróis*”? Porque tal era o nome que os helenos davam aos homens bravos e habilidosos, que ousavam fazer mais do que outros homens. De início, acredito eu, significava isso. Mas após algum tempo passou a significar mais. Veio a simbolizar homens que ajudavam seu país: homens daquela época, em que o país era meio selvagem, que matavam bestas ferozes e homens perversos, drenavam pântanos, fundavam cidades, e, portanto, eram venerados por muito tempo após a morte, pois haviam tornado seu país melhor do que era quando vieram ao mundo. Chamamos tais homens de heróis até hoje, e dizemos ser “heroico” sofrer dores e angústias para fazer o bem por nossos compatriotas. Podemos fazer tudo isso, crianças. Tanto meninos quanto meninas. E devemos fazê-lo, pois agora é mais fácil e mais seguro do que nunca, e o caminho é mais desimpedido. Mas vocês ouvirão como esses heróis trabalhavam, segundo os helenos, há três mil anos. As histórias não são todas verdadeiras, é evidente, nem sequer metade delas. Vocês não são ingênuos o suficiente para acreditar nelas, contudo, seu significado é verdadeiro e eterno, sendo ele: “Faça o bem, e Deus o ajudará”.

FARLEY COURT,
Advento, 1855.

› primeira história › Perseu

PARTE UM

Como Perseu e a mãe
chegaram a Sérifos





ERA UMA VEZ DOIS PRÍNCIPES GÊMEOS, chamados Acrísio e Preto, que viviam no agradável e distante vale de Argos, na Hélade². Eles possuíam campos e vinhedos frutíferos, rebanhos de ovelhas e gado, muitos cavalos nos pastos de Lerna e tudo o que qualquer homem pudesse precisar para ter uma vida abençoada. Mas, ainda assim, eram infelizes, pois invejavam um ao outro. Eles brigavam desde o nascimento, e quando cresceram cada um passou a tentar tomar a parte do reino pertencente ao outro e ficar com tudo para si. Primeiro, Acrísio expulsou Preto, que atravessou os mares e retornou com uma princesa estrangeira, com quem havia se casado, e guerreiros estrangeiros para ajudá-lo, chamados ciclopes. Ele, por sua vez, expulsou Acrísio, e então os dois lutaram por muito tempo até que a disputa foi resolvida: Acrísio ficou com Argos e metade do reino, e Preto ficou com Tirinto e a outra metade. Preto e seus ciclopes construíram grandes muralhas de pedra bruta ao redor de Tirinto, que perduram até os dias de hoje.

2. Antigo nome da região conhecida atualmente como Grécia, cujo povo são os helenos.



Mas um profeta se dirigiu ao duro e impassível Acrísio, e contra ele profetizou:

— Por ter se levantado contra o próprio sangue, seu próprio sangue há de se levantar contra você. Por ter pecado contra sua família, sua família há de puni-lo. Sua filha Dânae logo conceberá um filho, e pelas mãos de tal filho você morrerá. Assim ordenaram os deuses, e assim acontecerá.

Ao ouvir tal profecia, Acrísio ficou com muito medo, mas não mudou seu jeito de ser. Ele havia sido cruel com a própria família e, em vez de se arrepender e começar a tratá-los com gentileza, passou a ser ainda mais cruel. Conteve Dânae, sua filha inocente, numa caverna subterrânea selada com metal, onde ninguém pudesse se aproximar dela. Assim, ele imaginou ser mais esperto que os deuses – mas logo veremos se conseguiu escapar de sua sina.

Ocorreu que, por fim, Dânae concebeu um filho. Era um bebê tão belo que qualquer pessoa teria piedade dele, exceto o rei Acrísio. Ele não tinha compaixão alguma, de modo que os levou à beira-mar, os colocou num grande baú e os jogou no mar, para que os ventos e as ondas os levassem para onde quer que fossem.

O vento noroeste soprava fresco das montanhas azuis, por todo o agradável vale de Argos até a imensidão do mar. E na imensidão do mar perante o vale flutuavam a mãe e seu bebê, enquanto todos a que assistiam choravam, salvo aquele pai cruel, o rei Acrísio.

Assim eles flutuaram e flutuaram. O baú oscilava para cima e para baixo pela correnteza, e o bebê dormia no seio de sua mãe. Mas a pobre mãe não conseguia dormir, e apenas o observava aos prantos, cantando para o seu bebê enquanto flutuavam. Talvez vocês escutem a música que ela cantava, algum dia.

Já haviam passado do último promontório azul, e estavam em alto-mar, não havendo nada ao redor exceto as ondas, o céu e o vento. Mas



as ondas eram suaves, o céu estava azul e a brisa era leve e amena. Era a época em que os Alcíones e Ceix³ construíam seus ninhos, e nenhuma tempestade agitava o agradável mar de verão.

Mas quem eram Alcíone e Ceix? Vou contar enquanto o baú continua a flutuar para longe. Alcíone era uma fada, filha da praia e do vento. Ela amava um marinheiro, e com ele se casou. Ninguém na Terra era tão feliz quanto eles. Mas um dia, Ceix sofreu um naufrágio. Antes que conseguisse nadar até a costa, as ondas o engoliram. Alcíone o viu se afogando e pulou no mar para salvá-lo... em vão. Os Imortais tiveram pena do casal e os transformaram em duas belas aves marinhas, que agora constroem ninhos flutuantes todos os anos, e navegam felizes para sempre, pelos agradáveis mares da Grécia.

Uma noite se passou, seguida de um longo dia. E mais uma noite e mais um dia, até que Dânae ficou fraca e faminta, não havendo sinal de terra firme. Mas por todo esse tempo o bebê dormia tranquilo. Por fim, a pobre Dânae também caiu no sono, com a bochecha colada à bochecha de seu bebê.

Após algum tempo, ela foi acordada de súbito, pois o baú balançava e rangia, e o ar era preenchido com ruídos. Quando olhou para cima, viu altos penhascos, vermelhos sob o sol poente. À sua volta havia rochas, ondas se quebrando e gotas de espuma voando pelos ares. Ela uniu as mãos e gritou alto por socorro. Ao gritar, o socorro veio até ela: um homem alto e exuberante surgiu de cima das rochas e observou com curiosidade a pobre Dânae sendo sacudida dentro do baú em meio às ondas.

Ele vestia um casaco de lã rude e um chapéu de abas largas, para proteger o rosto do sol. Em sua mão carregava um tridente de pesca, e sobre o ombro trazia uma rede. Mas Dânae via que não se tratava de

3. Aqui o autor faz referência às aves da família *Alcedinidae* e do gênero *Ceyx*, que receberam tal nomenclatura em virtude do mito grego de Ceix e Alcíone.

um homem comum, por sua estatura, seu andar e seus cabelos e barbas dourados e esvoaçantes. Assim como pelos dois criados que o acompanhavam, carregando cestas para os peixes. Mas ela mal teve tempo de olhá-lo bem antes que ele deixasse seu tridente para trás, pulasse pelas rochas e jogasse sua rede de pesca com enorme precisão, puxando o baú, Dânae e seu bebê à segurança, até alcançarem a elevação de uma rocha.

Então o pescador tomou a mão de Dânae, ajudando-a a sair do baú, e disse:



— Ó, bela donzela, que acaso peculiar a trouxe a esta ilha num barco tão precário? Quem é você, e de onde vem? Certamente é filha de um rei, e este menino é mais do que um mero mortal.

Conforme falava, ele apontava para o bebê, cujo rosto se iluminava como o sol da manhã.

Mas Dânae apenas abaixou a cabeça e disse, aos prantos:

— Diga-me em que terra vim parar, infeliz que sou, e entre que homens me encontro?

— Esta é a ilha chamada Sérifos — respondeu ele. — Sou um heleno, e vivo na Hélade. Sou o irmão do rei Polidecto, e os homens me chamam de Díctis, o pescador, pois pesco os peixes da costa.

Foi então que Dânae caiu aos seus pés, abraçou seus joelhos e pediu, aos prantos:



— Ó, senhor, tenha piedade desta forasteira, cuja cruel sina trouxe à sua terra! Deixe-me viver em sua casa como criada, mas me trate de modo honrado, pois já fui filha de um rei, e este meu filho, como falou, não é da raça comum. Não serei um fardo para o senhor, nem comerei o pão do ócio, pois sou mais habilidosa com o tear e o bordado do que qualquer dama em minha terra.

Ela continuava a suplicar, mas Díctis a interrompeu e, fazendo-a se levantar, disse:

— Minha filha, eu sou velho, e meus cabelos estão se tornando grisalhos, mas não tenho filhos para alegrar meu lar. Venha comigo, e então será uma filha para mim e minha esposa, e este bebê será nosso neto. Mostro hospitalidade a todos os forasteiros, pois sou temente aos deuses, sabendo que os bons atos, assim como os maus, sempre retornam àqueles que os praticam.

Assim, Dânae se acalmou, e foi para casa com Díctis, o bom pescador. Ela se tornou uma filha para ele e sua esposa, até que quinze anos se passaram.